

ID: 123008424

13-05-2026

Uma cimeira de alto nível, mas de baixas expectativas

Dois líderes, três dossiês explosivos e baixas expectativas de avanços concretos. Donald Trump aterriza esta quarta-feira em Pequim para a primeira visita à China em mais de oito anos, numa cimeira que tem na agenda tarifas, o conflito no Irão e o eterno fantasma de Taiwan, mas que se adivinha, antes de mais, como um exercício de gestão de danos.

Andrew Harnik/AP



O último encontro entre os dois líderes foi em outubro de 2025, na Coreia do Sul.

PAULO RIBEIRO PINTO
paulopinto@negocios.pt

Mais de oito anos e meio volvidos desde a última visita de Donald Trump à China, quase tudo mudou e Pequim tenta ganhar espaço onde, até à chegada de Xi Jinping ao poder, parecia terreno proibido para a economia chinesa. As tecnológicas rivalizam com

Silicon Valley, o poderio militar aumentou consideravelmente e, no xadrez internacional, Pequim passou a ser visto como um referencial de estabilidade.

Se é certo que Trump tem dado pouca prioridade à China nos últimos meses, estando concentrado na guerra do Irão, nas operações militares na América do Sul e em assuntos de política interna, esta visita não está a ser encarada como um momento de viragem radical na relação entre os dois países. “Não me parece que vamos ter grandes declarações, grandes resoluções, ou

um ‘breakthrough’ na relação entre os dois países”, antecipa Luís Mah, especialista em Economia Política e professor no ISCTE.

A visita de dois dias tem uma agenda preenchida que inclui reuniões bilaterais, um banquete e uma visita ao Templo do Céu, na capital, um vasto complexo de edifícios onde os imperadores iam pedir boas colheitas. Para Pequim, um bom resultado seria a reabertura do estreito de Ormuz e a garantia de que não se concretizará novo aumento das tarifas aos produtos chineses (que chegaram a

atingir, ainda que de forma breve, 145%). É que cerca de um quinto do produto interno bruto (PIB) chinês depende das exportações. Mas quer também uma posição mais concreta de Washington sobre Taiwan.

De facto, a cimeira entre os dois líderes mais poderosos do mundo terá a guerra tarifária e o conflito no Irão (e ainda Taiwan) como pontos centrais. A que se junta a corrida tecnológica. E, aparentemente, a China já não tem receio de entrar em confrontação aberta com os EUA.

“A questão agora é saber até que ponto vamos entrar numa situação de maior acalmia nas relações comerciais”, indica Luís Mah, lembrando que Trump está mais limitado a utilizar as tarifas como arma, tendo em conta a decisão do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, que considerou a maior parte das taxas aduaneiras agravadas como ilegais.

Do outro lado do Pacífico, a China conserva um trunfo que Washington não pode ignorar: o controlo das terras raras. O país detém cerca de 60% da produção

ID: 123008424

13-05-2026

60%

CONTROLO

A China controla cerca de 60% da exploração de terras raras e mais de 90% da refinação mundial. É, para já, insubstituível.

mundial destes minerais e mais de 90% da sua refinação, elementos essenciais ao fabrico de chips para inteligência artificial, automóveis elétricos e armamento.

Nas últimas semanas, lembra há dias o New York Times, Pequim recorreu a um novo mecanismo jurídico para contrariar as sanções dos EUA, impedindo a aquisição, por parte da Meta (dona do Facebook), da startup Manus de inteligência artificial (IA) fundada na China, num negócio avaliado em cerca de dois mil milhões de dólares. E legislou novas regras destinadas a punir as empresas estrangeiras que cedam às iniciativas ocidentais para se retirarem da China.

Luís Mah aponta esta "ousadia" da China como uma nova estratégia — copiada precisamente dos EUA — para travar tentativas estrangeiras de dominar setores considerados críticos pelo regime chinês, "respondendo exatamente na mesma moeda aos Estados Unidos", considera o professor universitário. De recordar que Washington impôs fortes restrições à exportação de chips mais avançados para a China. As terras raras, acrescenta Mah, serão assim um dos maiores ativos da China para travar essa guerra.

Ficar tudo na mesma?

Do ponto de vista chinês, a principal ambição desta cimeira é, segundo os analistas, o regresso ao "status quo" anterior à guerra no Irão. Xi Jinping chega a este encontro a posicionar-se como garante da estabilidade global — o "pacificador" que o mundo ocidental já não consegue ser. Mas os seus objetivos são, acima de tudo, pragmáticos.

"O que está sempre aqui em jogo são os interesses da China", sublinha Luís Mah, considerando que o cenário ideal para Xi Jinping é tentar manter o equilí-

“

Não me parece que vamos ter grandes declarações ou resoluções, na relação entre os dois países.

LUÍS MAH
Professor no ISCTE

brio das forças de poder na cena internacional. "A China não vai querer o colapso ou o fim de um sistema que lhe permitiu chegar a esta posição de grande potência económica e, hoje em dia, de segunda maior potência económica ao nível mundial", defende o professor do ISCTE.

Mas vai querer terminar com a guerra no Irão, apesar de não ter tido, até ao momento, intervenção decisiva no processo de paz. Mesmo dependendo menos do petróleo e do gás natural que passam pelo estreito de Ormuz do que outros concorrentes asiáticos, a economia já começa a sentir os impactos, nem que seja por via indireta do aumento do preço do crude nos mercados internacionais.

No primeiro trimestre deste ano, a estimativa aponta para um crescimento homólogo do PIB de 5%, acima dos 4,5% do fim de 2025. Mas o desemprego está a aumentar (o consumo interno é um importante motor da economia) e os custos de produção para algumas indústrias já subiram 20%, segundo a BBC. Acabar com a guerra no Irão está entre os objetivos de Pequim que, a ajudar os EUA, quererá sempre algo em troca.

E ainda há a questão de Taiwan, sobre a qual os EUA têm tido uma posição ambígua. Se por um lado, a administração Trump aprovou, no fim do ano passado, um acordo de venda de armas a Taiwan no valor de 11 mil milhões de dólares, Washington tem dado sinais de que não quer criar um ponto adicional de pressão. Disto mesmo deu conta na semana passada o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, confirmando que a questão vai ser tema de conversa, embora o objetivo seja garantir que não se transforma numa fonte de novas tensões entre as duas potências. ■

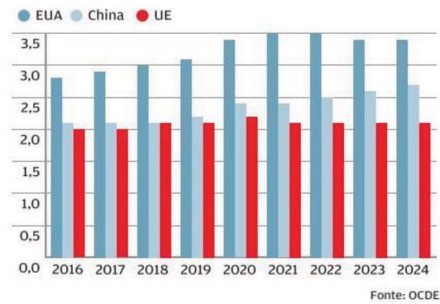
6 GRÁFICOS

Os números que retratam as duas maiores economias mundiais

A CORRIDA PELA INOVAÇÃO

Investimento em I&D, em percentagem do PIB

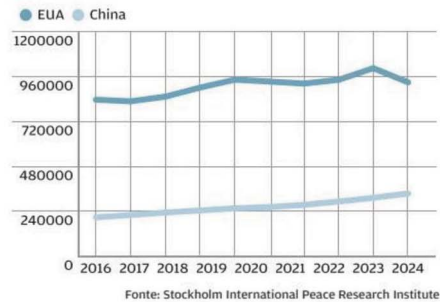
A China tem conseguido acelerar o investimento em inovação nos últimos anos, reduzindo o fosso para os Estados Unidos. A União Europeia praticamente estagnou na última década, ficando ainda mais atrasada face aos rivais.



EUA DOMINAM NA DEFESA

Despesa em Defesa, em dólares

Os EUA dominam os gastos militares globais, ultrapassando 1 bilhão de dólares em 2024. A China tem aumentado sempre o seu orçamento, passando de 207 mil milhões em 2016 para 335 mil milhões em 2025. O rácio entre os dois países mantém-se próximo de 3 para 1.



QUEDA NAS EXPORTAÇÕES

Varição homóloga das exportações chinesas para os EUA

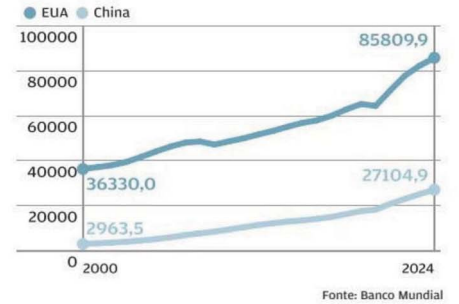
As exportações chinesas com destino aos EUA registaram uma queda acentuada ao longo de 2025, com variações homólogas frequentemente negativas. O agravamento das tarifas americanas traduziu-se diretamente numa contração significativa das trocas comerciais.



DOIS RITMOS, UM FOSSO

PIB per capita, em PPP, em dólares

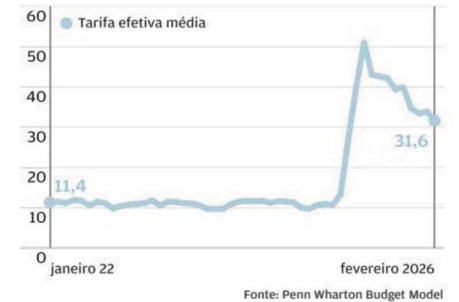
Apesar de a China ter multiplicado por mais de nove o seu PIB per capita desde 2000, o fosso face aos EUA mantém-se enorme. Em 2024, o valor americano era mais de três vezes superior ao chinês. A convergência ainda está longe, mesmo com o ritmo de crescimento da China.



CHOQUE TARIFÁRIO SEM FIM À VISTA

Taxa efetiva média da tarifas sobre produtos chineses, em percentagem

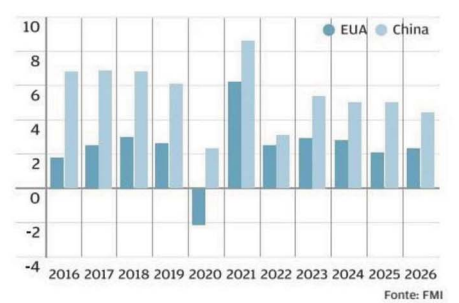
Após anos de estabilidade entre 10% e 12%, a tarifa efetiva média aplicada pelos EUA sobre produtos chineses disparou a partir do início de 2025, atingindo um pico próximo dos 51%. Esta escalada representa uma rutura histórica na política comercial americana.



CRESCIMENTO EM DIVERGÊNCIA

Taxa de crescimento do PIB dos EUA e da China, em percentagem

A China apresenta, em geral, taxas de crescimento superiores às dos EUA, embora a diferença tenha vindo a diminuir. As previsões do FMI para 2026 apontam para uma estabilização em torno de 4%-5% para a China e 2%-2,3% para os EUA.



Dívida dos EUA detida pela China está em mínimos desde 2008

A China tem vindo a reduzir a exposição à dívida norte-americana, tendo deixado de ser a maior compradora ao ser suplantada pelo Japão e pelo Reino Unido.

CARLA PEDRO

cpedro@negocios.pt

Os Estados Unidos e a China são as duas maiores economias do mundo e são também as mais endividadas. Em inícios de 2026, a dívida norte-americana ascendeu a 38,3 biliões de dólares e, em segundo lugar, surgia a chinesa com 18,7 biliões — posição a que chegou ainda em 2025, superando pela primeira vez a dívida da União Europeia. Acontece que a gigante asiática é também uma das maiores credoras dos EUA, embora esta posição tenha diminuído e esteja agora em mínimos de 2008, aquando da crise financeira mundial.

Foi em 2019 que o Japão suplantou oficialmente a China como maior detentor de dívida soberana dos Estados Unidos, lugar que continua a manter. Pequim esteve nessa posição entre 2009 e 2018, e, entretanto, Tóquio não “perdeu o trono”, já que tem adquirido maiores volumes de “Treasuries”. No início de 2025, a China ainda ocupava a segunda posição, mas — num ano em que a guerra comercial entre Washington e Pequim voltou a ganhar tração — acabou por ceder mais um degrau no pódio, cedendo esse lugar ao Reino Unido.

Segundo os dados mais recen-

tes, relativos a fevereiro, a China era o terceiro país com mais dívida norte-americana em mãos, no valor de 693,3 mil milhões de dólares — contra 694,4 mil milhões no arranque do ano. Já o Japão detinha 1,2 biliões de dólares e o Reino Unido 866 mil milhões — ambos a representarem um aumento de 11,7% face a fevereiro de 2025.

Assim, apesar de a exposição chinesa estar a diminuir, há países que têm estado a aumentar as suas compras de títulos do Tesouro dos Estados Unidos, como é o caso da Bélgica e do Canadá, por exemplo.

Os dados do Departamento do Tesouro norte-americano revelam que a titularidade de dívida dos EUA por estrangeiros aumentou de 8,6 biliões de dólares no fim de 2024 para 9,3 biliões de dólares em dezembro de 2025, o que representa um aumento de cerca de 7,5% ao longo de um ano. Cerca de 42% dessa dívida é detida

por instituições oficiais, como bancos centrais, estando a restante na posse de investidores privados e institucionais.

A China tem estado, desde 2019, a reduzir as suas reservas de títulos do Tesouro dos EUA para gerir a taxa de câmbio da sua moeda. Há quem tema que esta seja uma forma de influência económica e que Pequim possa usar essas compras como arma de arremesso, na guerra tarifária, contra o Presidente Donald Trump.

Mas esta preocupação decorre de um mal-entendido sobre a dívida soberana e sobre a forma como os Estados obtêm poder das suas relações económicas, sublinha o projeto China Power, do Center for Strategic and International Studies (CSIS). “A compra de dívida soberana por países estrangeiros é uma transação normal que serve vários objetivos legítimos de política económica.

Consequentemente, a participação da China na dívida dos EUA tem um efeito mais unificador do que divisor nas relações bilaterais entre os dois países”, aponta a mesma análise.

“Mesmo que a China quisesse retirar este seu crédito de circulação, o uso do crédito como medida coerciva é complicado e frequentemente sujeito a fortes restrições. Um credor só pode ditar condições ao país devedor se este não tiver outras opções, mas a dívida dos EUA é um ativo amplamente detido e extremamente desejável na economia global”, refere o China Power, frisando que, por isso mesmo, qualquer dívida que a China venda será comprada por outros países — pelo que não faria grande diferença aos norte-americanos.

Além disso, Pequim precisa de manter reservas significativas de “Treasuries” para continuar a gerir o câmbio do renminbi. “Se a China se desfizesse subitamente das suas reservas, a taxa de câmbio da sua moeda subiria, tornando as exportações chinesas mais caras nos mercados externos”, aponta a análise do CSIS.

Ainda assim, a China tem optado por reduzir a sua exposição à dívida dos Estados Unidos, até pelas fricções comerciais que geraram fortes tensões de ambos os lados, optando por diversificar as suas reservas com a compra de mais ouro. ■

693

TREASURIES

Em fevereiro, a China detinha 693,3 mil milhões de dólares de dívida soberana dos Estados Unidos.

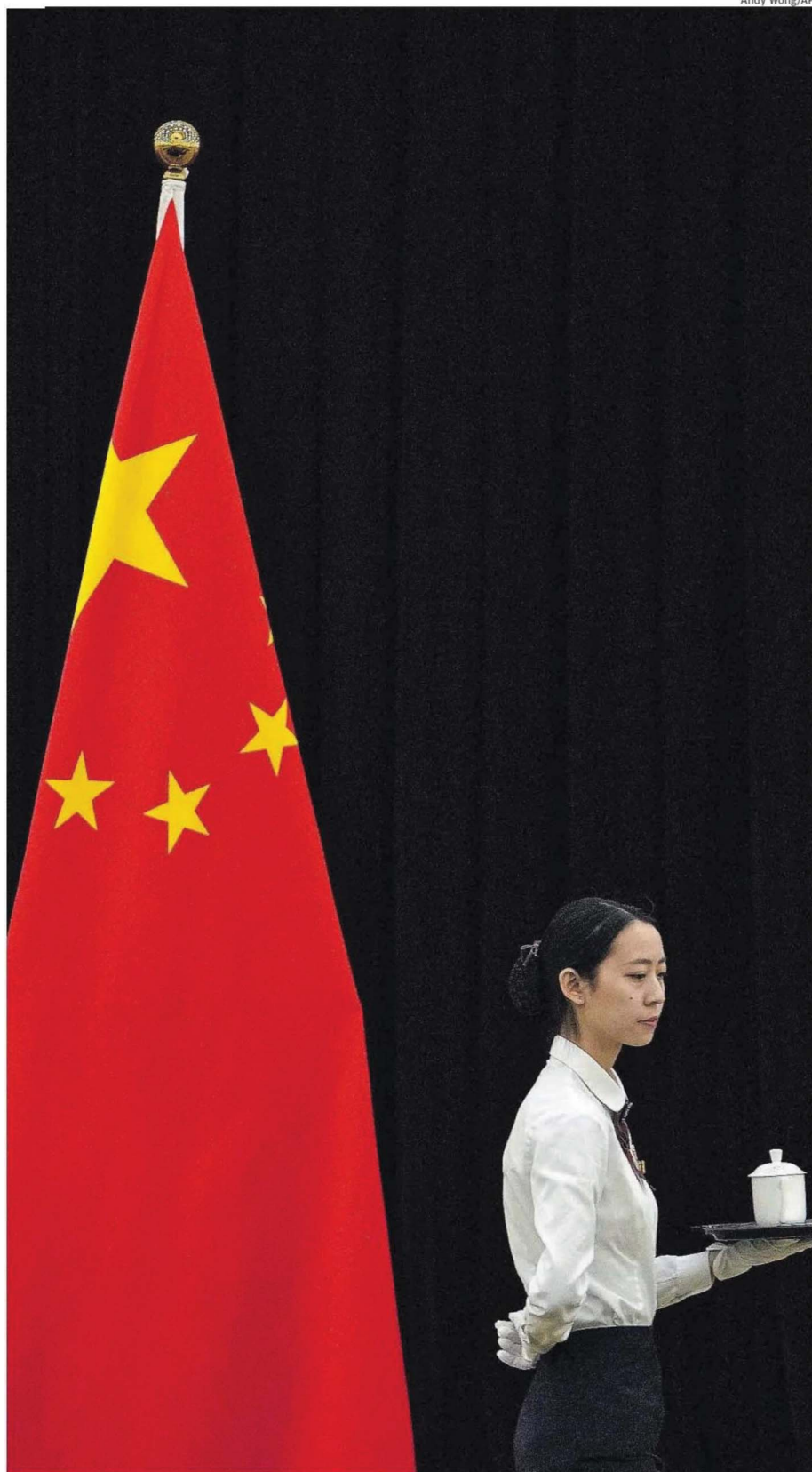
“

Se a China se desfizesse de repente destas suas reservas, a taxa de câmbio do renminbi subiria.

CHINA POWER
Análise do CSIS



Pequim tem o equivalente a 693,3 mil



milhões de dólares de dívida americana.

Trump leva comitiva de 11 bilhões para fazer negócios da China

Visita dos EUA à China leva na “bagagem” muitos negócios potenciais entre os gigantes económicos. Tecnológicas dominam.

Donald Trump está a caminho da China. Depois da guerra tarifária, e numa altura em que os EUA estão a atacar um aliado chinês, o Irão, o Presidente norte-americano aterriza em Pequim com a geopolítica na “bagagem”, mas o foco está nos negócios que poderão ser fechados durante esta visita. E são muitos os CEO na comitiva, com empresas que valem, no seu conjunto, mais de 11 bilhões de dólares.

O encontro entre Trump e Xi Jinping acontece após meses marcados por forte tensão entre os dois líderes, nomeadamente no que respeita às relações comerciais entre as duas economias. Há pouco mais de um ano, os EUA aplicaram tarifas a vários países de todo o mundo, incluindo a China. Assistiu-se a um escalar de taxas alfandegárias que acabariam por ser aliviadas após o último encontro que aconteceu na Coreia do Sul.

Apesar do alívio das taxas, o clima de instabilidade nas relações bilaterais mantém-se. Mas os EUA sabem o quão importante é a China para as suas empresas, muitas delas com fortes relações com este mercado. É o caso, por exemplo, da Apple que conta com parceiros chineses para a produção dos seus smartphones, tablets e computadores. Tim Cook é um dos 17 CEO que fazem parte da

comitiva multimilionária.

A Apple é, de longe, a cota mais valiosa que estará representada neste encontro entre os EUA e a China, mas há mais empresas de bilhões, como é o caso da Meta, a dona do Facebook, Instagram e Whatsapp, que estará representada pela presidente, Dina Powell McCormick.

Os 4,3 bilhões de dólares da Apple juntam-se aos 1,5 bilhões da Meta, perfazendo, estas duas, cerca de metade dos 11,1 bilhões de dólares de avaliação das companhias que fazem parte de uma comitiva pejada de empresas do setor tecnológico. Cisco, Micron e Qualcomm são apenas algumas.

Na “mala” de Trump vai também o dono da SpaceX e da Tesla, que durante algum tempo esteve à frente do polémico DOGE, o departamento de eficiência da administração norte-americana que, entretanto, desapareceu. Elon Musk reaproximou-se do presidente dos EUA, levando as suas empresas – avaliadas em 850 mil milhões de dólares – para fazerem negócios na China.

Além da SpaceX, também a Boeing e a GE Aerospace estão numa comitiva em que não faltam representantes do setor financeiro. Como para muitos negócios é preciso quem os financie, Trump leva consigo os CEO de alguns dos maiores bancos dos EUA.

David Solomon, do Goldman Sachs, Jane Fraser, do Citi, mas também os CEO da Visa e da Mastercard pisam solo chinês com as suas empresas avaliadas em muitos milhares de milhões de dólares. E há mais dinheiro, de muitos investidores americanos e não só, representados através de grandes fundos de investimento, como é o caso da Blackrock e da Blackstone. ■ PAULO MOUTINHO

Perto de duas dezenas de CEO de grandes empresas estão na comitiva. Das “big tech” à finança.

ID: 123008424

13-05-2026

TOME NOTA

4

pontos críticos para acompanhar a cimeira Trump - Xi

Da guerra no Irão, à concorrência tecnológica, às tarifas e à complexa questão de Taiwan, os temas quentes em cima da mesa são muitos, mas não são esperados avanços significativos. Os dois lados têm afirmado que as relações se têm mantido relativamente estáveis e que assim querem manter.

PAULO RIBEIRO PINTO paulopinto@negocios.pt

1. TENSÃO COMERCIAL NO LIMBO

A guerra comercial entre a China e os EUA começou ainda no primeiro mandato de Donald Trump, mas intensificou-se em abril do ano passado, no chamado "Dia da Libertação", quando foram anunciadas tarifas de 34% sobre todos os produtos chineses. A China retaliou com tarifas e outras medidas, como restrições às exportações de terras raras. As taxas aduaneiras agravadas chegaram a atingir 145% na escalada de medidas e contramedidas. As duas partes acabaram por aliviar as elevadas taxas aduaneiras. Os dois líderes reuniram-se na Coreia do Sul em outubro do ano passado e prolongaram a trégua tarifária por mais um ano. Para já, a taxa média efetiva das tarifas dos EUA sobre produtos norte-americanos ronda os 32%. A China prometeu comprar soja aos agricultores americanos, enquanto os EUA reduziram as tarifas em mais de metade. Em fevereiro deste ano, Trump sofreu um importante revés na estratégia que usou as tarifas como arma de negociação política. o Supremo Tribunal dos EUA decidiu que o Presidente não pode usar o IEEPA - International Emergency Economic Powers Act - para impor

tarifas, obrigando a Casa Branca a reformular a estratégia. Em março de 2026, a administração Trump anunciou novas investigações ao abrigo da Secção 301 sobre práticas comerciais alegadamente desleais da China, do Vietname, de Taiwan, do México, do Japão e da União Europeia, abrindo caminho para novas tarifas.

2. GUERRA NO MÉDIO ORIENTE

Os EUA esperam que a China pressione o Irão a aceitar os termos que propôs para um cessar-fogo duradouro que conduza à paz, mas a questão não é simples de gerir. Pequim criticou abertamente os Estados Unidos e Israel por causa da guerra. Além disso, dadas as suas estreitas relações políticas e económicas com o Irão, é vista por alguns como um mediador informal capaz de influenciar Teerão. Até agora, a China tem-se mantido cautelosa, preferindo não se envolver. Poucos dias antes da viagem, o Secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, apelou à China para pressionar o Irão a abrir o estreito de Ormuz e afirmou que, ao comprar petróleo iraniano, Pequim está a financiar o terrorismo. "Vamos ver se a China



Johnson Lai/AP

Pequim tem testado os limites da independência de Taiwan que responde com exercícios militares no estreito.

avança com alguma diplomacia e consegue que os iranianos abram o estreito", disse Bessent à Fox News. "O Irão é o maior patrocinador estatal do terrorismo, e a China tem comprado 90% da sua energia, pelo que está a financiar o maior patrocinador estatal do terrorismo."

3. A CORRIDA TECNOLÓGICA

Aliada à questão das tarifas, está a corrida aos avanços tecnológicos, nomeadamente no desenvolvimento de modelos de inteligência artificial (IA) que teve o ponto alto quando foi lançada a DeepSeek no final de 2024 e início de 2025. Os modelos desta plataforma demonstraram ter um elevado desempenho e com custos mais baixos, desafiando empresas norte-americanas como a OpenAI (ChatGPT), a Google (Gemini) e a Anthropic (Claude). Após o aparecimento deste modelo, os EUA

limitaram a exportação de "chips" de última geração, nomeadamente, da Nvidia, que tem na China um importante mercado. Por outro lado, Pequim apertou a venda de terras raras ao exterior e criou um novo quadro legal que trava a aquisição de empresas chinesas por parte de companhias estrangeiras. O mais recente caso é a tentativa falhada da Meta (dona do Facebook) de comprar a startup de IA, Manus. A China travou o negócio avaliado em 2 mil milhões de dólares.

4. A SOMBRA DE TAIWAN

Duas semanas antes da cimeira, o ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Wang Yi, terá dito numa chamada com o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, que a relação bilateral se tem mantido globalmente estável, mas que Taiwan continua a ser o "maior risco" para

os laços entre os dois países. Na semana passada, a China voltou a sinalizar que Taiwan será uma prioridade nas discussões. Poucos esperam uma resolução da questão de Taiwan, que se arrasta desde a separação entre a China e a ilha após a guerra civil de 1949. Embora Pequim reivindique Taiwan, a ilha é uma democracia com governo próprio. Os EUA são obrigados por lei a garantir que Taiwan possa defender-se, mas mantêm oficialmente uma posição de "ambiguidade estratégica", deixando em aberto se interviriam militarmente caso a China tentasse retomar Taiwan pela força. Rubio deixou claro, por outro lado, que "não precisamos que ocorram quaisquer eventos desestabilizadores no que diz respeito a Taiwan ou em qualquer outro local do Indo-Pacífico", afirmando que tal "é do interesse mútuo tanto dos EUA como da China." ■

32%

TARIFAS

A taxa média efetiva das tarifas dos EUA sobre produtos chineses é agora de cerca de 32% muito abaixo do pico de 51%.

“

Não precisamos que ocorram quaisquer eventos desestabilizadores no que diz respeito a Taiwan.

MARCO RUBIO
Secretário de Estado dos EUA

ID: 123008424

13-05-2026



Uma cimeira de alto nível, mas de baixas expectativas

**As relações entre Donald Trump
e Xi Jinping já tiveram melhores dias.**

Andy Wong/AP

P. 4 a 8 e EDITORIAL